

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_06/2017

Homilia na Quinta-feira Santa

Braga, Sé Catedral, 13.abr.2017, 10h

Presbitério com novos horizontes

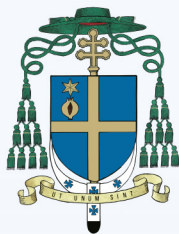
“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador” (Lc 1,46). Com estas palavras, inicio a minha partilha, louvo a Deus pelo presbitério que somos e exulto de alegria pela fé que vivemos e testemunhamos.

Iniciamos, há pouco mais de um ano, um profundo trabalho de revisão pastoral. O modelo tridentino de paróquia e os tempos da cristandade chegaram ao fim. Vivemos dias desafiantes, tempos que despertam entusiasmo e esperança a uns e desorientação a outros. Creio não existirem razões para nos angustiarmos. Os processos de renovação e de conversão pastoral são normais numa instituição milenar como é a Igreja e são, sobretudo, uma exigência do Espírito Santo que, desde sempre, a orienta ao longo da História. Sabemos que a Igreja foi, durante séculos, um edifício confortável e estável. Hoje tem os alicerces abalados e os seus muros já não são consistentes como eram. Tornou-se para muitos um espaço inabitável. Dizem que já não corresponde às exigências do tempo actual. As perguntas e interrogações são totalmente novas e as simples adaptações já não satisfazem. Só algo de novo garante a consistência capaz de aguentar as intempéries.

O Grupo de Trabalho para a Renovação Pastoral e Paroquial produziu um documento base intitulado “Na busca constante de um paradigma pastoral evangélico”. Lançou-se depois um período de consulta e reflexão a partir das bases. Foram três as perguntas: **1.** Que tipo de Igreja somos?; **2.** O que nos desmotiva; **3.** Que Igreja sonhamos?. Começaram agora a chegar as primeiras conclusões. Não pretendo adiantar nada em particular nem condicionar a reflexão. Apenas partilho alguns elementos para que sejam iluminados à luz do Evangelho de hoje.

Os conselhos diocesanos e os arciprestados, reflectindo sobre a identidade da Arquidiocese, dizem ser uma Igreja envelhecida, cansada, ritualista, centrada nos números, clericalizada e incapaz de encetar novos rumos. Em certa medida, são também estes os motivos de desânimo: excesso de reuniões e planificação, falta de líderes, falta de ligação ao bispo, peso das leis e burocracias e ausência de espiritualidade. Por outro lado, a vertente positiva é muito saliente: grupos de proximidade, corresponsabilidade laical, amizade, misericórdia, espiritualidade e formação, entusiasmo e momentos de fraternidade sacerdotal.

Notamos, desde logo, que entre aquilo que nos desanima e o que nos faz sonhar, mais do que opções pastorais propostas, estão sentimentos, estilos de vida e mentalidades. Este é um princípio válido em qualquer circunstância da vida e que me parece plausível. Quando não estamos bem connosco, com



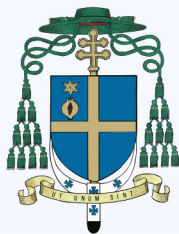
aqueles que nos rodeiam ou com aqueles pessoas que são para nós uma referência, nada parece correr bem. Pergunto-me se, em certa medida, o nosso desânimo pastoral não será uma projecção do nosso próprio desânimo interior. Acredito, por isso, que a primeira grande revolução terá de ser a conversão pessoal, isto é, deixarmos de lado desconfianças e pessimismos para sermos pessoas mais alegres, realizadas, que confiam tanto nos colegas como nos superiores, que acreditam seriamente em Deus e na Igreja e não temem o amanhã. Como é importante nos apaixonarmos pelo positivo existente no nosso presbitério e Arquidiocese. Com verdade, fixemo-nos nos sacerdotes abnegados, acolhedores, desinstalados, possuidores de uma espiritualidade alicerçada na oração quotidiana e nos exercícios espirituais, respeitadores da missão dos leigos. Olhemos para as comunidades com órgãos de corresponsabilidade a funcionarem plenamente e integrados na unidade arquidiocesana, para os ministérios laicais na liturgia, catequese e acção social exercidos com competência devido à formação, para os movimentos que se rejuvenescem e comunicam vitalidade, para comunidades que gritam o Evangelho pelo amor vivido por todos e para uma fé entranhada em convicções pessoais e não meras tradições. Como Maria, repito: “a minha alma glorifica o Senhor pelas maravilhas que ele opera”.

Não é casual o uso da palavra **paradigma** no documento de trabalho. Paradigma é um modo concreto de interpretar a realidade segundo determinados critérios. No nosso caso, a realidade pastoral e pessoal deve ser encarada segundo critérios evangélicos e nunca, mas nunca, segundo critérios de benefício pessoal.

A Sagrada Escritura é a única fonte segura e isenta que possuímos para renovar a pastoral. Oferece-nos inclusive resposta a algumas das inquietações levantadas anteriormente. Refiro-me ainda, e em concreto, ao sufoco administrativo que muitos dizem sentir. Pergunto-me, porém, qual a razão de tanto receio em confiar nos leigos e diáconos? Passados 50 anos do Concílio Vaticano II, constatamos, infelizmente, que a promoção do laicado responsável e maduro subsiste, muitas vezes, apenas no plano das boas intenções. Porquê tanta resistência? A ausência de formação adequada não pode ser uma justificação, visto o comprovado esforço que a UCP e as escolas arciprestais dispõem neste serviço.

É por isso hora de, com transparência, nos questionarmos sobre a identidade sacerdotal. O que é específico do sacerdote? O Evangelho é claro: Jesus, o Sumo Sacerdote, foi enviado para anunciar a boa nova aos pobres, redenção aos cativos, vista aos cegos, restituir liberdade aos oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor. A nossa missão é também estar próximo das pessoas, restituindo-lhes a liberdade nas suas opressões e anunciar a salvação de Deus.

Como e em que circunstâncias isto se opera? Em primeiro lugar, e antes de mais, através dos sacramentos da reconciliação e da eucaristia. Em segundo lugar, através do encontro pessoal e acolhimento, conforme as circunstâncias de cada um. A reconciliação é espaço e tempo de cura e libertação. A eucaristia lugar de experiência e comunhão profundas com Deus. A presença na vida das pessoas, momento de anúncio. Administrar os bens, a caridade, a solidariedade social e a formação cristã são importantes? Sem dúvida que sim. Mas é algo exclusivo dos padres? Não. Não nos podemos esquecer que qualquer cristão, leigo ou presbítero, é, em virtude do baptismo, sacerdote, profeta e rei. Dito de outro modo, os leigos podem e devem auxiliar na nobre missão de



santificar, ensinar e governar. Não é um favor que nos fazem, faz parte da sua identidade.

Caros sacerdotes, vi também um certo desânimo pela questão dos números. Eles também nos interessam, mas em vez de nos preocupar devem motivar-nos. Números pelos números são uma ilusão. Mas também é verdade que os números nos questionam. Isto porque números são pessoas e, em última circunstância, todas as pessoas nos interessam e interessam a Deus. É por isso que repetimos em cada eucaristia, com as mesmas palavras de Jesus: “este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e **por todos**, para remissão dos pecados”. Não é por alguns, por uma minoria, mas por todos. Assim nos dizem também os evangelistas. O Evangelho de Jesus é dirigido a todos (Mt 28,19) porque Ele quer que todos sejam salvos (1 Tm 2,3-4) e, por isso, devemos pensar e olhar para todos sem excluir ninguém. E isto desafia-nos a sair de nós mesmos e dos nossos ambientes eclesiais.

Para quando esta renovação pastoral? Creio que devemos regressar ao Evangelho de hoje e, se cada um de nós tiver abertura de Espírito, dizer “hoje cumpriu-se esta passagem”. Hoje é tanto um tempo cronológico como kairológico. Porquê adiar para um futuro incerto? É hoje o dia da mudança. E este *hoje temporal* trará então um novo *hoje de salvação*.

A primeira testemunha de que a renovação pastoral e pessoal é possível é, sem dúvida, Maria. No momento da anunciação ela disse, sem hesitações, **fiat**, faça-se. Faça-se a vontade de Deus. Faça-se a transformação na minha vida. Faça-se a vida em abundância. Maria não era, como sabemos, sacerdotiza. Imaginem agora que Igreja seríamos nós se os apóstolos se tivessem fechado ao seu contributo apenas por ser *leiga*? Maria ensinou, santificou e administrou. Foi um sopro de Deus na vida da Igreja e a prova de como a Igreja cresce quando nos abrimos ao Espírito, independentemente se somos leigos ou sacerdotes.

Peço a Deus que, particularmente neste ano mariano, aprendamos de Maria a atitude e a coragem de estarmos junto da cruz de quem sofre. No tempo de Jesus, os essénios consideravam-se, como sabemos, uma comunidade separada, os eleitos de Deus. Muitos dos nossos contemporâneos sentem-nos do mesmo modo: separados das vidas e preocupações. Conosco isto não deve acontecer. Estar junto à cruz significa, por isso, abraçar a vida de todos os que Deus coloca no nosso caminho. E, para estarmos juntos, precisamos de tempo, disponibilidade mental e leveza espiritual.

Que este tríduo pascal e a protecção de Maria nos dê a coragem de uma conversão pessoal para a tão desejada renovação pastoral. Sem padres renovados, sem homens novos, tudo permanecerá velho. Caros sacerdotes, diáconos e seminaristas, podeis contar comigo para caminharmos juntos. E permiti que vos deixe um pedido que pode transformar toda a pastoral: sejamos amigos entre nós para vivermos sinceramente ao serviço de todos, particularmente dos mais carenciados e débeis. Se todos abrimos o espírito à renovação, então podemos, neste dia do sacerdócio, repetir em conjunto “hoje cumpriu-se esta passagem” e, com Maria, “grandes coisas realizou em mim o Onnipotente”.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*